

AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PONDERAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Autora: Miryan Aparecida Nascimento de Souza; Orientadora: Aparecida Carneiro Pires.

Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. (miryan.13@hotmail.com)

Resumo do artigo: No presente texto, refletimos as práticas de avaliação dos professores na Educação Infantil, principiando a investigação de como acontece o planejamento didático, os instrumentos que são utilizados na coleta de dados que fazem parte do processo avaliativo. Tendo como auxílio metodológico a entrevista semiestruturada que possibilitou o diálogo com algumas das problemáticas que envolvem a avaliação nos processos de ensino-aprendizagem. Indagamos até que ponto pode-se avaliar as aprendizagens de uma criança, mesmo que seja no brincar ou nas atividades propostas, será que o objetivo é compartilhar múltiplas aprendizagens ou se trata de um processo comandado por finalidades de um resultado classificatório? Foi possível compreender como vem sendo tratado o Projeto Político Pedagógico, a importância de se repensar os instrumentos avaliativos, as conexões entre o aprender e ser avaliado, a relevância de criar espaços de avaliações democráticas, dando voz às crianças. Analisamos os desafios vivenciados entre a creche e a família, a importância de conhecer os contextos em que as crianças estão inseridas. No que é concernente às relações socioeconômicas defendemos que é preciso ser investigadas pelas creches e pré-escolas, entende-se que as relações sociais não são inerentes aos espaços educacionais, o que não pode é minimizar as potencialidades dos (as) educandos (as), mas devem maximizá-las, partindo do conhecimento prévio que estes trazem. A avaliação embora seja muito discutida, ainda é confundida com procedimentos classificatórios. Foi possível refletir as formas de avaliar por intermédio das fichas e pareceres descritivos propostos pela professora entrevistada, problematizar essas questões teve relevância incalculável no processo de formação da identidade docente.

Palavras-chave: Avaliação, Planejamento pedagógico, Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A partir dos subsídios teóricos levantados nas discussões da disciplina de Avaliação da Aprendizagem¹, na qual teve como abordagem a avaliação democrática entre os estudantes. Foram oferecidos como recursos didáticos a discussão de textos, miniaulas, aulas expositivas dialogadas. Como proposta de finalização da disciplina propôs-se a realização de uma pesquisa com professores de diferentes modalidades da educação, a fim de ampliar os conhecimentos debatidos em sala, e posteriormente realizar-se uma culminância da disciplina socializando as múltiplas concepções de avaliação em diferentes contextos. Embora se tratasse de uma breve pesquisa, possibilitou-nos reflexões que o presente texto se propõe a abordar.

¹ A disciplina Avaliação da Aprendizagem, quatro créditos, 60h/a. Foi ministrada pela Professora Aparecida Carneiro Pires no curso de Licenciatura em Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Campus Cajazeiras-PB.

A intenção de se falar dos múltiplos espaços que acontecem as avaliações, é relevante pois elas acontecem em diferentes contextos e abordagens. Nesta perspectiva, o artigo tem como foco, a investigação dos processos de avaliação dos professores no *lócus* da creche, tendo como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada contendo cinco questões, realizada com uma professora da Educação Infantil do município de Cajazeiras -PB. Reiteramos que não se pretende chegar a mais uma definição do que seja a melhor forma de avaliar, porém é perceptível as problemáticas que circundam os processos avaliativos na Educação Infantil. Neste sentido, pensando em promover reflexões acerca de como o processo avaliativo se configura em muitos casos revestem-se de uma particularidade tanto dos profissionais que avaliam quanto dos discentes que são avaliados.

REFLETINDO SOBRE A AVALIAÇÃO E SUAS DIMENSÕES

Existem diferentes concepções, escritos sobre a avaliação e a importância de se avaliar, mas por que avaliar na Educação Infantil? Sabe-se que as avaliações na Educação Infantil acontecem através de pareceres descritivos. Desse modo, é interessante indagar, o quanto essa avaliação ainda é hierarquizada nas mãos de alguns (as) professores (as), por muitos ainda manterem o paradigma da educação tradicional, o que a torna antidemocrática. E ao se questionar a avaliação, vem à tona questões de como se percebe o outro, do quanto os discursos diferem das práticas.

Quando não se rompe com esse modelo, é demasiadamente delicado avaliar as aprendizagens dos discentes, uma vez que, torna-se muito difícil quantificar os conhecimentos que uma criança adquiriu. As aprendizagens são múltiplas, aprendemos quando menos esperamos, em determinados casos nem possuímos o entendimento de que aprendemos. De acordo com Gallo (2013, p.188): “Então, como e qual o sentido de se qualificar o acontecimento aprender? Pobre pedagogia, que se perde em querer quantificar o quântico, a ruptura, o inquantificável...”

Gallo (2013) discute sobre os processos de aprendizagem a partir do pensamento de Deleuze, questiona como se pode calcular as aprendizagens de alguém, é interessante se fazer este questionamento quando se pretende avaliar, não basta pensar as formas de avaliar o que pretende-se avaliar, mas refletir qual o sentido da avaliação, o preço de definir se o outro aprendeu ou não é oneroso, pensar dispositivos de avaliação quando envolve subjetividades dos sujeitos, e quando falamos de crianças que são seres recém chegados ao convívio com

mundo externo, nas creches em que se inicia algumas de suas primeiras experiências.

Vale ponderar que, repensar a avaliação nos permite indagar, até que ponto se pode avaliar as aprendizagens de uma criança, mesmo que seja no brincar, nas atividades propostas, será que o objetivo é compartilhar múltiplas aprendizagens ou se trata de um processo comandado por finalidades de um resultado satisfatório? E o que seria esse resultado: respostas que o educador pensa ser o certo ou o que a criança emite? Como identificar o que as crianças emitem?

É demasiado curioso, quando pensamos a avaliação não como um fim em si mesma, mas, um processo contínuo. Contudo, como é que ocorre se o (a) professor (a) quem preenche as fichas de avaliação na Educação Infantil, essas problematizações aparentemente contínuas, mas, cabe refletir qual é a parte desta avaliação que os (as) educandos (as) se avaliam? Pensando, na realização de uma avaliação processual em que a criança é tida como sujeito ativo, é interessante criar espaços em que as crianças se avaliem afinal de contas quem melhor do que o próprio sujeito avaliado afirmar ou negar o que se foi aprendido? Para que serve a comprovação ou constatação de um saber? Se no cotidiano simultaneamente reelabora-se os conhecimentos apreendidos, nestes termos, acreditando que o conhecimento é passível de inúmeras modificações acerca do concreto apreendido.

Sendo assim, os pareceres, embora tenham a intenção de ser útil para um acompanhamento dos níveis de aprendizagens das crianças, e facilitar o andamento dos estudos posteriores, eles não têm cumprido este objetivo, pois os pequenos espaços para relatar as informações do processo de ensino-aprendizagem ainda são insuficientes, não contemplam as particularidades e individualidades das crianças. Pressupõe-se, as referidas informações a partir da análise do comportamento, das atividades executadas no âmbito das creches e pré-escolas, de modo ainda retraídas para reflexões sobre como as próprias crianças se avaliam.

Vivenciamos e experienciamos – professora alfabetizadora responsável pela turma, professora vinculada à universidade, estudantes bolsistas – o desafio cotidiano de investir na construção de ações pedagógicas e avaliativas que não neguem o outro e ao outro, mas que garantam a efetiva participação das crianças nos processos decisórios, no sentido de, em vez de falar *sobre* eles, possamos compartilhar e mediar, *com* eles, as discussões sobre avaliação. (SAMPAIO; VERÂNCIO; RIBEIRO, 2014, p.164)

O processo de repensar as práticas avaliativas demanda o entendimento de que é preciso ouvir, dar voz as crianças, revendo as posturas impositivas, dimensionando os impactos que podem gerar na vida das crianças. Se olharmos por outro ângulo, compreenderemos a avaliação como necessária ou como parte inseparável do processo pedagógico. Destarte, qual seria a melhor forma de lidar com ela sem classificar como apto ou inapto, considerando as aprendizagens e desenvolvimento das crianças?

A avaliação educacional requer um olhar sensível e permanente do professor para compreender as crianças e responder adequadamente ao “aqui-e-agora” de cada situação. Perpassa todas as atividades, mas não se confunde com aprovação/reprovação. Sua finalidade não é excluir, mas exatamente o contrário: incluir as crianças no processo educacional e assegurar-lhes êxito em sua trajetória por ele. (OLIVEIRA, 2002, p.253)

Conforme Oliveira (2002) a avaliação perpassa a intenção de excluir, se faz pertinente questionar como a avaliação inclui no cotidiano das creches e pré-escolas, se ainda é perceptível às contradições na prática educativa, pois se confunde avaliar com classificar.

Para dar continuidade a essas indagações fez-se necessário ir a campo, a fim de encontrar subsídios que proporcionassem a compreensão teórico-prática concernente ao planejamento pedagógico e as nuances da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, na Educação Infantil.

Assim, contactou-se com alguns docentes da rede municipal de Cajazeiras - PB, de início encontrou-se resistências: dentre elas o uso do gravador, alegando inibição. Por este motivo quatro professoras recusaram o convite, com exceção de Luciana², educadora, Graduada em Pedagogia que trabalha na Educação Infantil, em uma creche da cidade de Cajazeiras-PB.

Na tentativa de adentrar a maneira que ocorre o planejamento da creche, para consequentemente compreender como está articulada a avaliação da aprendizagem, indagamos a professora como as questões que estão postas no Projeto Político Pedagógico – PPP, da creche, estavam articuladas com a avaliação dos pareceres, a professora respondeu o seguinte:

O PPP está em processo de construção e ele foi levado para avaliação do conselho municipal de educação, e vai ser devolvido com as anotações e as devidas demandas, que vai precisar para fechar o PPP, eu não sei lhe dizer se a pratica dos

² O nome Luciana é fictício para preservar a identidade da professora entrevistada (88) 3322.3222

pareceres está de acordo com a avaliação orientada pelo PPP da creche, como está acontecendo uma nova gestão [...] por lei a avaliação que a creche, ela trabalha, o instrumento avaliativo, deve estar inserido dentro do PPP que é o documento que norteia todo o trabalho da creche, se ela não for, de certa forma, nós estamos trabalhando de forma ilegal, e a avaliação tem que esta linearmente com o PPP[...] (PROFESSORA LUCIANA, 2017)

Pode-se observar na fala de Luciana que, a avaliação deve estar em consonância com o PPP, porém a mesma parece desconhecer a forma que a avaliação é sugerida no projeto, afirmando que o PPP está em construção, reconhecendo também que é ilegal a instituição funcionar sem projeto. Nas palavras de Vasconcellos (2014, p.172): “O projeto educativo não é algo que se coloca comum ‘a mais’ para a escola, como um rol de preocupações que remetem para fora dela, para questões ‘estratosféricas’. Pelo contrário, é uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da escola.”

É comum nas creches e pré-escolas, o PPP ser tratado como uma obrigatoriedade, com sentido teórico importante, porém, na prática ou nos discursos sobre, é perceptível as contradições, uma vez que, pouco se projeta nele como ferramenta de planejamento pedagógico contínuo, de possibilidades de aperfeiçoar a prática cotidianamente.

Ao darmos sequência à entrevista acerca de quais as condições básicas para a elaboração de instrumentos de coleta de dados na avaliação da aprendizagem da Educação Infantil utilizados pela professora, obteve-se a seguinte resposta:

Primeiramente a gente tem uma conversa, esse ano a gente teve uma conversa inicial com os pais, teve uma ficha, certo, no primeiro dia de aula não teve aula, foi orientado pela secretária, a todas as creches que tivessem uma conversa inicial com os pais, certo? Conversando sobre o comportamento da criança em casa, conhecendo um pouco a família, se aquela criança tem algum laudo médico, e como foi a gestação, conhecendo a parte psicossocial da criança, isso aconteceu no primeiro dia de aula, nós temos essa ficha na creche guardada, a partir dessa conversa inicial com as mães a gente foi conhecendo que tipos de família nós estamos lidando, o número de irmãos, a parte financeira também como é, no geral, a partir daí você já teve um perfil das famílias, de como são aqueles alunos, depois observamos a avaliação diagnóstica, eu tenho uma ficha de avaliação diagnóstica, e comeci a observar cada aluno, eles inicialmente frequentam a primeira semana, o primeiro mês, eles frequentam bem, depois é que vão fazendo esse rodízio indo e vindo, então essa avaliação diagnóstica foi feita, como é que eles estão, e a partindo daí é que nós começamos a fazer o planejamentos [...] (PROFESSORA LUCIANA, 2017)

Conforme consta no discurso de Luciana, o procedimento que é realizado pela creche como diagnóstico é de relevância no processo de acolhida das crianças, o contato com a família propõe uma escola ou creche democrática. Todavia, é interessante que esse contato não fique restrito apenas ao iniciar o ano ou nas reuniões de pais e mães, pelo contrário, é necessário criar oportunidades, para que os familiares das crianças estejam mais presentes, em atividades que contemplem as suas participações cotidianas.

É de suma importância conhecer os contextos em que as crianças estão inseridas e uma das maneiras de concretizar tal ação é através do contato com as pessoas que convivem com elas. O (a) educador (a) pode considerar a realidade socioeconômica em que as crianças vivem, não para rotular, mas para entender os problemas enfrentados com os seus responsáveis. De acordo com Freitas (2003, p.17): “O papel da escola, é o de “ensinar com qualidade todos os seus alunos” – sabedora de que não está isolada e de que os acontecimentos e a forma como a sociedade está organizada ao redor dela afetam o cumprimento desse papel.”

Nestes termos, é que se pode observar que embora as escolas ou creches tenham a incumbência de oferecer o ensino de qualidade, essas instituições não funcionam isoladas das relações sociais que os sujeitos estão inseridos. O que é interessante frisar é que, as questões socioeconômicas não podem minimizar as potencialidades dos (as) educandos (as), mas devem maximizá-las, partindo do conhecimento prévio que estes trazem e/ou problematizar a condição de desigualdade social que se enfrenta no país.

No que concerne à aquisição do conhecimento no ato avaliativo, interrogamos a professora como se caracterizava a proposta de avaliação da aprendizagem dos (as) educandos (as). De acordo com sua fala:

Geralmente a gente faz a avaliação através da observação, através do dia a dia você vai observando o desempenho daquele aluno, certo e vai fazendo anotações, certo? Você está trabalhando determinado projeto pedagógico, o que acontece, você vai avaliar nas atividades diárias como é que aquele aluno ta desenvolvendo, se ele está desenvolvendo, você faz anotações, porque a memória da gente não tem como você registrar, quando for no final do semestre, certo. Você vai dar uma olhadinha, no que a gente chama de portfólio, nas anotações diárias e juntamente com o que já registrou dele, você faz um parecer descritivo e esse parecer, uma via fica na escola e o outro é entregue aos pais, [...] (PROFESSORA LUCIANA, 2017)

Podemos considerar que, embora a professora Luciana tenha a melhor das intenções em avaliar por intermédio da observação, transcrição dos comportamentos e aprendizagens das crianças, estas ainda configuram

uma prática avaliativa reguladora, mesmo que não exista um exame ou prova. Essa inferência consegue ter efeitos semelhantes, porque se a prova ou exame define, determina e classifica o desenvolvimento das aprendizagens, as anotações utilizadas pela professora têm o objetivo de construir uma análise de cada educando (a), mesmo tendo como argumento válido o acompanhamento pelas fichas, utiliza-se o que as crianças aprenderam para classificá-las. Segundo Esteban:

Tais instrumentos têm como função isolar a subjetividade que constitui a dinâmica escolar e dar visibilidade a resultados quantitativos que exponham o rendimento de cada estudante e que sejam compreendidos como demonstração da aprendizagem realizada. (2008, p.17)

Conforme podemos observar Esteban tece uma crítica relevante ao processo de se repensar o uso dos instrumentos de coleta de dados que, visam quantificar e classificar os conhecimentos aprendidos pelos (as) educandos (as). É evidente que, tais práticas isolam as subjetividades, porém os resultados não podem ser considerados qualitativos, verídicos, pois os próprios sujeitos têm dificuldades de se conectar com suas particularidades, compreender os seus processos que desinteressadamente os modifica.

Na fala da professora quando inquirimos os fatores que intervêm na aprendizagem e conseqüentemente no desempenho dos (as) educandos (as) a professora afirmou:

Não é um estigma, por exemplo, o caso de João³, não é porque ele veio de uma desestruturação familiar que ele não vá aprender, a gente vê que a superações todo dia, há alunos inteligentes, alunos que sofreram muito, passaram muitas dificuldades, mas que são bons profissionais, pessoas que se firmaram na vida, conseguiram boa formação, porque é a forma que você encara o problema e lida com ele, né? Mas de encontrar dificuldades a gente encontra muito na relação com a família escola, que é ainda uma relação muito delicada, principalmente na creche, porque a creche, por mais que a gente tenha debatido isso, por mais que se tenha uma sistematização de documentos, por parte da creche e escola, principalmente eles veem a creche sobretudo para cuidar,[...] (PROFESSORA LUCIANA, 2017)

As disparidades econômicas, os reflexos negativos na educação como um todo e infelizmente seja as escolas ou creches, em alguns casos contribuem na manutenção e reprodução, e geram-se discursos velados sobre meritocracia que tenta reafirmar que todos

³ João nome fictício para preservar a identidade do discente.

possuem as mesmas capacidades e aptidões. Porém quando se parte de realidades distintas, condições diferenciadas os processos e resultados não são os mesmos.

Luciana fala da relação família como uma barreira, dos pais e mães não reconhecerem a creche enquanto espaço fomentador de aprendizagens, sendo considerado apenas como um lugar de cuidar. De acordo com Oliveira (2002, p.181): “Os pais precisam conhecer e discutir os objetivos da proposta pedagógica e os meios organizados para atingi-los, além de trocar opiniões sobre como o cotidiano escolar se liga a esse plano.” Desse modo, faz-se necessário a participação dos pais e mães no ambiente escolar, como eles (as) vão compreender as dimensões que envolve a aprendizagem na Educação Infantil se não tem contato, diretamente com toda a estrutura que é estabelecida, logo, como cobrar deles posturas, entendimentos. Oliveira (2002) traz essa contribuição afirmando que é comum os relatos de professores que reclamam das ausências, chegando a considerá-los despreparados.

CONSIDERAÇÕES

As breves análises dispostas neste texto é resultado do aprofundamento das discussões da disciplina de Avaliação da Aprendizagem, que viabilizou, o interesse de refletir sobre os processos avaliativos que todos os professores estão sujeitos. A avaliação embora seja muito discutida, ainda é confundida com exames classificatórios. Por este fato, defendemos reflexões sobre as práticas educativas alternativas, que possibilitem ouvir o que as crianças tem a falar.

Tentar romper com as contradições da avaliação, é uma das maneiras de modificar os reflexos negativos de aprendizagens das crianças. Contudo, reconhece-se que é um processo que demanda tempo, pois, envolve concepções enraizadas, as mudanças têm muito a depender das mentalidades e posturas seja dos professores ou da sociedade.

A pesquisa aqui desenvolvida embora, tenha contado com uma análise de apenas uma professora depoente e não tenha uma dimensão panorâmica extensa, é relevante para a construção de espaços que dialoga, questiona, problematiza o planejamento, e as relações entre ensino-aprendizagem e os processos avaliativos.

Vale ressaltar a importância de discutir sobre a avaliação, os reflexos positivos que colaboram na formação da identidade docente, reflexiva possibilitando a práxis bem fundamentada.

Referências

- ESTEBAN, Maria Tereza. **Ser professora: Avaliar e ser avaliada.** In: ESTEBAN(org.). O Maria Tereza. Escola, currículo e avaliação. ed. 3. São Paulo: Cortez,2008. p. 13-37.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação: confrontos de lógicas.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- GALLO, Silvio. Educação, criação e pluralidade de mundos: As múltiplas dimensões do aprender. In. Trevisan, Amiraldo Luiz; Rossato, Noeli Dutra(org.). **Filosofia e Educação: Interatividade, singularidade e mundo comum.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p.181-196.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- SAMPAIO, Carmen Sanches; VERÂNCIO, Ana Paula; RIBEIRO, Tiago. **A participação das crianças no processo de avaliar o aprenderensinar a ler e escrever: desafio(s) para a prática pedagógica.** In: FERNANDES, Claudia de O. Avaliação das aprendizagens: sua relação com o papel social da escola.. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. p. 161-180.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: Projeto de Ensino-Apredizagem e Projeto Político-Pedagógico.** 24. ed. São Paulo: Libertard, 2014.